

O poder está comendo a quilo

Parlamentares e ministros contam centavos à mesa

ADRIANA VASCONCELOS
e LYDIA MEDEIROS

BRASÍLIA — Já vai longe a época em que ministros e parlamentares podiam fazer dos mais sofisticados restaurantes da capital seus pontos de encontro. A crise econômica obrigou-os a optar por restaurantes de comida a quilo ou lanchonetes. Poucos resistem à mudança de hábito e percorrem sem reclamar o tradicional circuito gastronômico de Brasília.

Assíduo freqüentador do La Vecchia Cucina, que desponhou no Governo Fernando Henrique como um dos ninhos prediletos dos tucanos, o ex-presidente do PSDB Pimenta da Veiga levou um susto na semana passada quando recebeu a conta de um jantar para quatro casais: R\$ 600.

— Só não caí porque estava sentado — conta.

Outros políticos assumiram sem constrangimento a opção por restaurantes mais populares. O deputado José Carlos Aleluia (PFL-BA) anda animado com um restaurante italiano de comida por quilo chamado Fiorella:

— Fui almoçar lá, outro dia, com um amigo, e a conta deu R\$ 14. Com suco de frutas.

Outra alternativa é contratar uma empregada, como fez o líder do PL na Câmara, Valdemar Costa Neto (SP):

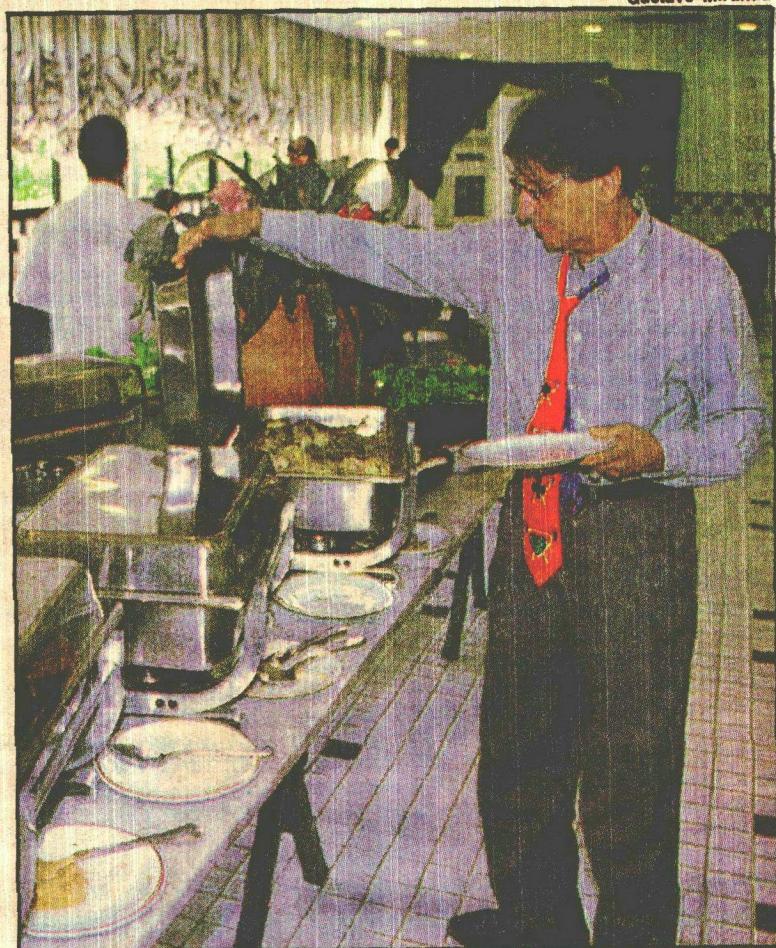
— Foi uma ótima solução. Fiz as contas e descobri que fica muito mais barato. Com um real, consigo comprar uma dúzia de ovos.

Bem mais despreocupado com as contas, o deputado Geddel Vieira Lima (PMDB-BA) continua a freqüentar as boas casas do ramo e só circula em seu reluzente BMW azul-marinho:

— Não gosto de self service. Não sou PT, não preciso fazer média com o eleitorado.

Os petistas fazem suas escolhas de olho no bolso. O deputado José Genoino (PT-SP) nem sai do Congresso para almoçar. Na Câmara, vai ao self service dos funcionários ou ao natural que vende comida a quilo.

— Restaurante tem lobista e preço alto — argumenta.



O deputado Gabeira almoça no restaurante do Hotel Bonaparte

Gustavo Miranda